

Mar de Lama, Ondas de Boatos: Especulação e Estereotipia na Cadeia Rumorosa Pós Rompimento de Barragem em Brumadinho, MG.¹

Iasminny Thábata Sousa Cruz

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG

Resumo

Quando nos debruçamos sobre estudos sobre os processos de formação e movimentação de públicos, encontramos nos boatos singular oportunidade para averiguarmos o modo como, em momentos de crises, a afetação dos indivíduos, que é fator essencial para garantia da circulação dos rumores, dá-se, também, pelo atravessamento de estereótipos diversos, e pela intensificação da especulação frente aos acontecimentos e contextos que geraram o boato. São esses fatores que procuraremos indicar por meio da averiguação de boatos associados à Brumadinho, cidade mineira que em janeiro de 2019 foi vítima do rompimento da barragem de rejeitos Mina Córrego do Feijão. Após a tragédia, encontramos em circulação em redes digitais não apenas imagens reais do crime, mas boatos de terroristas cubanos e venezuelanos responsáveis pela explosão da barragem. Até agora não comprovado.

Palavras-chave

Boatos; Brumadinho; Especulação; Estereótipo; Opinião Pública.

1. Introdução

Os boatos nos situam socialmente e culturalmente. Existentes de maneira inequívoca em nosso cotidiano, eles têm a capacidade de nos enquadrar como defensores ou detratores de certezas, posicionando-nos uma hora deste, outra hora daquele lado das histórias. Uma vez que a existência e a circulação dos boatos possuem dependência intrínseca com aquilo que acreditamos ser a verdade e a mentira, eles nos posicionam frente a argumentos que consideramos aceitáveis ou deploráveis e nos enquadram em coletividades que possuem tendências de comportamentos distintas. Posicionados, tomamos decisões e vamos, continuamente, consolidando nossas opiniões, especulando acerca da infinidade de questões que cercam nossas certezas. No entanto, nos momentos em que precisamos, com urgência, tomar decisões – relativas inclusive à nossa sobrevivência ou daqueles que são importantes para nós –, ou naqueles momentos em que nossa identidade e existência são acionadas a resistir, o que os boatos podem nos indicar acerca das dinâmicas de formação da opinião pública, da especulação das informações e dos contextos, das reverberações imediatas de certos acontecimentos, e da temporalidade de nossos costumes atravessados por estereótipos?

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT 4) Relações Públicas, Política e Sociedade, atividade integrante do XIV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

E para discutirmos a forma como, contemporaneamente, nossos comportamentos são habitados e como nossas opiniões são atravessadas e, em certa medida dirigidas, por estereótipos presentes em boatos que nos deteremos no boato dos terroristas cubano e venezuelano que seriam os responsáveis por uma explosão que teria desencadeado o rompimento da barragem Mina Córrego do Feijão, em Brumadinho, MG, em janeiro de 2019.

Em especial, caso pensemos em situações de urgência e comoção (diferentemente das situações ordinárias de conversação, que são atravessadas também pelo dinamismo da curiosidade, da recreação, do passatempo e do entretenimento) como foi Brumadinho, poderemos averiguar e discutir de maneira mais objetiva questões acerca do caráter especulativo da formação dos boatos, de como os rumores tensionam as temporalidades que os atravessam, e mesmo pontos sobre certos aspectos cognitivos que nos auxiliam na apreensão e compreensão do nosso mundo.

Temporalidade (das conversas, do uso de aplicativos digitais de mensagens, da checagem das informações, do uso e da consolidação de preconceitos e estereótipos presentes em determinados boatos, das esferas políticas e jurídicas que por ventura tratem dos assuntos acionados no rumor, dos caminhos e das cadeias de desmentimento do boato – diferentes dos caminhos e das cadeias de circulação inicial do boato) aqui entendida como a sensação alterada, estrangulada, da percepção do tempo em consonância com a formação de nossas opiniões e tomadas de decisão. Em momentos de crise, a especulação - fenômeno pelo qual vamos conformando nossas convicções e teorias sobre os fatos - associa-se à caça por sentidos, sujeitando-se ao formato rumoroso da vida.

São premissas desta pesquisa os entendimentos de que os arranjos de *interesse*, *credibilidade* e *memória* são as condições que oportunizam a circulação e a percepção pública dos boatos²; de que os boatos nos enquadram em nossos interesses, reforçando nossas opiniões pré-existentes, e de que eles nos auxiliam na apreensão e compreensão de nossos mundos. Além de sabermos os boatos como fenômenos essencialmente conversacionais, relacionais e pragmáticos, cotidianos e ligados mais ao seu potencial de verificação (KAPFERER, 1993) do que, propriamente, sua classificação como mentira ou verdade. É dentro da relação dos sujeitos, em público, que se decidirá sua veracidade.

² O objetivo da pesquisa de Mestrado da autora, defendida em 2018, era o de “perseguir entendimentos sobre a dinâmica do boato do confisco da poupança a partir de indícios e características de conversação no meio digital, atentando a critérios de oportunidade dos boatos dentro da formação da opinião pública e da movimentação de públicos”. Os critérios elencados foram, justamente, o interesse, a credibilidade e a memória.

Nosso caso exemplar tem como marco de tempo inicial o dia 25 de janeiro de 2019, data em que, durante o horário do almoço, a barragem Mina Córrego do Feijão, da mineradora Vale no município mineiro de Brumadinho, rompeu e matou pelo menos 270 pessoas e deixou desaparecidas outras 11³ vítimas. Além do mar de 12,7 milhões de metros cúbicos de rejeitos despejados sobre áreas administrativas da companhia, plantações, residências e pousadas da região, os boatos decorrentes deste crime ambiental⁴ e humanitário tiveram extraordinário destaque na narrativa do incidente, além de consequência quase imediata na sua reverberação comunicacional. Caso do boato descrito a seguir, decorrente do rompimento, sobre ataques a bombas por parte de terroristas sul-americanos:

Uma fonte ligada a ABIN confirma nessa tarde que a Polícia Rodoviária Federal deteve nessa tarde, próxima a cidade de Itaguará, cerca de 68 km de Brumadinho, um venezuelano e um cubano. O carro em que viajam estava em alta velocidade, houve troca de tiros e um terceiro homem foi morto durante a perseguição. Uma funcionária que sobreviveu a tragédia, confirmou ter ouvido uma explosão antes do rompimento da barragem. A fonte informou ainda que o Venezuelano é Juan Pablo Mercês, ex guerrilheiro das FARCS, possui 7 mandatos (sic) de prisão na Colômbia. O cubano é Antonio Cabalero, conhecido instrutor da Polícia Secreta do Governo Castro, condecorado com a Estrela Vermelha, por sua atuação destacada em ações de sabotagem na guerra civil de Angola. Até agora o interrogatório apurou que várias células terroristas venezuelanas se infiltraram no território nacional, desde a vitória de Bolsonaro no primeiro turno das eleições, em outubro. (Fonte⁵ ⁶: ODB - Observatório Direita Brasileira, 2019)⁷ ⁸

E este é apenas um dos casos de boatos nascidos após o rompimento da barragem em Brumadinho, que se alimentaram da oportunidade e da potência conversacional do acontecido para provocar reações apaixonadas a respeito da diversidade de assuntos que nos interessaria.

Para levantamento da base de dados que revelou as versões dos boatos dos terroristas sul americanos, buscamos a associação dos termos “boato”, “rumor”, “fake”, “notícia falsa” e

³ CONECTAS DIREITOS HUMANOS. **Dados: os números da tragédia de Brumadinho.** Atualizado no dia 25 de janeiro 2020, um ano depois da catástrofe. Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/fact-sheets-o-numeros-da-tragedia-dia-de-brumadinho>. Acesso em: 25 de julho de 2020, às 17h30.

⁴ BBC NEWS. Brumadinho: 'Desastre deve ser investigado como crime', diz ONU. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47027437>. Acesso em: 25 de julho de 2020, às 23h.

⁵ AGÊNCIA LUPA. #Verificamos: Polícia Rodoviária Federal não prendeu terroristas por explodir barragem em Brumadinho. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/01/28/verificamos-policia-terroristas-brumadinho/>. Acesso em: 25 de julho de 2020, às 23h30.

⁶ UOL CONFERE. Abin não identificou terroristas de Venezuela e Cuba ligados a Brumadinho. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2019/01/28/barragem-brumadinho-mg-venezuelanos-cubanos-ataque-terrorista-terrorismo.htm>. Acesso em: 25 de julho de 2020, às 23h45

⁷ BOATOS.ORG. Rompimento da barragem em Brumadinho foi um atentado terrorista, diz Abin #boato. Disponível em: <https://www.boatos.org/brasil/tragedia-brumadinho-atentado-terrorista.html>. Acesso em: 21 de julho de 2019, às 23h55.

⁸ E-FARSAS. A barragem de Brumadinho foi explodida por terroristas sul-americanos? Disponível em: <http://www.e-farsas.com/a-barragem-de-brumadinho-foi-explodida-por-terroristas-sul-americanos.html>. Acessível em: 21 de julho de 2019, às 23h55.

“mentira” ao termo “Brumadinho” entre os dias 25 de janeiro e 23 de abril de 2019 nas redes sociais Twitter, Facebook e YouTube; em comentários de portais de notícia, e em manchetes e/ou textos internos de Blogs e Portais. A metodologia indicou 2,6 mil itens que compõem o *corpus* da pesquisa-ação de Doutorado desta pesquisadora, e sua coleta foi possível a partir do uso da ferramenta de monitoramento Stilingue; e de buscas ativas no Google Trends.

A base tem, assim, já a marcação da desqualificação da mensagem (mentira, notícia falsa, fake news), ou, pelo menos, desconfiança de sua origem, ou confirmação (boato, rumor); mas não a posição político-ideológica dos sujeitos, uma vez que também partimos do pressuposto que é apenas na interação que os públicos decidem os graus de verdade da informação recebida a partir de suas experiências e tendências de comportamento.

Mais é, por isso, um recorte do modo como as pessoas falam no momento de indicar que dada mensagem, ou informação, não é verdadeira ou não detém, para si, todos os ingredientes de uma informação inquestionável.

Se fizermos o esforço de rememorar o contexto no qual o Brasil estava inserido, lembraremos de um processo eleitoral acirrado e controverso, e também das disputas de narrativas na arena pública decorrentes deste embate. “Direita e esquerda”, polarizações políticas, “comunistas e fascistas”, “bolsominions e petralhas”, discussões familiares, mensagens em massa enviadas por Whatsapp, as tão comumente lembradas *fake news* – todos ingredientes de uma complexa rede de sentidos disputados no decorrer da história do país e que se tornaram, em janeiro de 2019, primeiro mês de posse do novo presidente do Brasil, elementos não apenas de conflito de opiniões familiares, mas de busca de sínteses de sentido do considerado certo e errado, e também de busca por explicações para o crime humanitário ocorrido na cidade mineira de Brumadinho no dia 25 daquele mesmo mês.

A base de dados é rica em indicar também o trabalho de portais, blogs e perfis particulares na elucidação dos casos reconhecidamente mais comuns de informações equivocadas em circula⁹ção. Caso da página da apresentadora Ana Maria Braga (Mais Você, da Rede Globo), que no dia 29 de janeiro de 2019 publicou notícia explicando a origem de cinco imagens que circulavam nas mídias digitais: 1) um homem resgatado na lama (imagem tirada originalmente em 2011); 2) uma grávida morta, cuja imagem verdadeira foi tirada em fevereiro de 2013, no Encontro Nacional de Mulheres Rurais, em Brasília; 3) um adolescente na lama, tido como vítima desesperada em Brumadinho, mas que foi tirada em 2008, em

⁹ ANA MARIA BRAGA. **Fake news sobre Brumadinho: evite compartilhar informações falsas**. 29 jan 2019. Disponível em: <https://anamariabraga.globo.com/materia/fake-news-brumadinho/>. Acessado em 02 de agosto de 2020, às 20h.

Michigan, nos Estados Unidos; 4) o momento do rompimento da barragem, cujas imagens são realmente de uma barragem rompida, mas no Mato Grosso em 2015; e 5) uma avalanche de lama de um acidente ocorrido em Laos, no Sudeste da Ásia, em 2017.

Os terroristas cubano e venezuelano são apenas um dos casos encontrados nas conversações sobre verdade e mentira associadas ao incidente. Vale já o destaque, assim, deste primeiro e instigante entendimento: a seara política foi apenas um dos caracteres cujo o oportunismo dos boatos de Brumadinho se fez presente. Pelo impacto de um trauma da vida política nacional, e na busca por levantamento de culpados e razões encontraremos nomes como o de Marina Silva, o de Dilma Rousseff, e o da então recém nova primeira-dama do país, Michelle Bolsonaro, associados aos boatos pós Brumadinho. Outros interesses dos públicos geraram outros boatos sobre a causa do rompimento, a busca por culpados, o que aconteceu antes do rompimento na cidade, o número de mortos, os riscos em outras cidades, as evacuações surpresas, a morte dos animais presos na lama, a necessidade de vacinação para a população contaminada pela água. Todos assuntos de nosso interesse, ou, pelo menos, do interesse de alguém, não é mesmo? Todos assuntos que merecem atenção e respostas. Os boatos, oportunamente, também se imbuem desta tarefa.

Por isso, como vemos, os boatos são feitos à base das crenças dos indivíduos, de suas emoções. E, na base dessa dinâmica cíclica entre opinião e crença, queremos apresentar esta primeira provocação de análise: ir ao encontro das relações dos sujeitos e considerar os boatos como acontecimentos comunicacionais (QUÈRÈ, 1991; FRANÇA, 2014; SIMÕES, 2014). Assim considerá-los leva em conta a percepção de que quando os boatos existem, circulam e são notados, eles irrompem em um cenário público, nos posicionam imediatamente no mundo, e tornam-se emblemáticos, passando a fazer parte das linhas que nos conectam em rede dentro da sociedade e nos puxam em certos momentos para um lado, e em outros momentos para outro lado na conformação de nossas opiniões.

Esta compreensão trata o boato a partir de um caráter praxiológico e comunicativo do comportamento e da movimentação de públicos. Quer dizer, impõe também o caráter especulativo das dinâmicas dos boatos, que nos faz procurar por respostas e sentidos para os problemas assim que os notamos e resolvemos agir sobre eles (DEWEY, 1980). Nesta busca, diversos interesses coletivos emergem em público e nos fazem levantar e mesmo acreditar em diferentes conjecturas, menos ou mais lógicas.

E a opinião não se descola do fato que afetará esses públicos. Ela começa imediatamente ao fato, continua enquanto reverbera, e vai nos convocando “uma coletividade puramente

espiritual, como uma disseminação de indivíduos fisicamente separados e cuja coesão é inteiramente mental” (TARDE, 2005, p.5). O que quer dizer que, como públicos, possuímos tendências de comportamentos e não precisamos estar juntos fisicamente para que nossas opiniões sejam formadas.

Para não perdermos de vista o caso exemplar que nos serve de modelo, devemos reconhecer ainda que o boato se alimenta do fato de que “a vida social repousa sobre a confiança e sobre a realização da tarefa de verificar. [Pois] Quando relatamos uma notícia lida num jornal, supomos que ela tenha sido verificada, embora não tenhamos nenhuma prova” (KAPFERER, 1993, p.7). E nós não verificamos tudo o que nos é informado, o que nos faz estabelecer um ambiente propício para o surgimento e passagem de boatos. É mister entender, justamente por isso, que boatos não são acontecimentos mágicos, mas resultados, produções mentais em que “os membros de um grupo ‘rumorejam’ num certo momento, em certo lugar e engendram um conteúdo, uma narrativa, uma hipótese” (idem, p.105). É o caráter especulativo do boato sendo levado pelas diversas temporalidades de afetação dos sujeitos.

O boato é, então, também este fenômeno que nos faz chegar rapidamente a uma hipótese e que, mediante certas condições de interesse, credibilidade e memória, torna-se uma fagulha em um cenário inflamável, ou a própria narrativa do caso e a base para tomadas de decisões. A verificação se torna uma exigência menor ou maior a depender do boato, potencialmente de segunda ordem em momentos de grave comoção e emergência. Nesses momentos de crise e comoção, o boato se torna um dos fatores que potencializam enquadramentos que nos levam a formação de opiniões para rápidas tomadas de decisão, cristalização de estigmas e prolongamento de preconceitos. Não cabe, por isso, alicerçar nossas observações nos entendimentos habituais dos boatos como informações mentirosas, nem tampouco em quem são as personalidades e perfis que alimentaram a propagação desses rumores, ou preocupar-se em deslindar sua(s) fonte(s) primária(s).

2. Nosso caso exemplar: Brumadinho.

Era cerca de 14h30 do dia 25 de janeiro de 2018¹⁰, quando o meu celular e o celular de amigos na mesa ao lado começaram a receber inúmeras imagens de vídeos feitos por moradores de Brumadinho e visitantes do Instituto Inhotim¹¹.

¹⁰ G1 MINAS. **Vídeo mostra o momento exato em que barragem da Vale se rompe em Brumadinho.** 01 fev de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/02/01/video-mostra-o-momento-exato-em-que-barragem-da-vale-rompe-em-brumadinho.ghtml>. Acesso em 01 de agosto de 2020.

¹¹ O Instituto Inhotim é sede de um dos mais importantes acervos de arte contemporânea do Brasil e considerado o maior museu a céu aberto do mundo. Está localizado em Brumadinho a cerca de 20 quilômetros da área afetada pelo rompimento.

As primeiras cenas, gravadas de maneira apressada, mostravam um rio de intensa correnteza de lama atravessando estradas e eram narradas por vozes assustadas que, naquele momento, desconheciam a magnitude do que havia acontecido. À esta cena, seguiram-se outras recebidas nos mesmos formatos, primeiro, pelo aplicativo Whatsapp: Inhotim sendo evacuado às pressas, vítimas sendo encontradas e resgatadas de maneira precária ao lado de pontes, animais atolados e perdidos, caminhões revirados, matas destruídas. Junto às imagens, áudios e mensagens de texto eram enviados, descrevendo para os demais o que se podia ver e dando detalhes a respeito do que se supunha saber do ocorrido até então. Em um desses áudios, o interlocutor dá testemunho do rompimento e especula sobre a quantidade de mortos:

Gente eu trabalho aqui na Vale e eu que tô informando vocês de primeira mão, deve ter morrido mais de mil pessoas. Quem conhece parente aí, ó, já pode ficar preocupado, porque eu saí do refeitório e veio aquela onda em cima! Se não fosse a caminhonete eu tinha morrido. (Autor desconhecido, 2019)

Outro narrador manda um novo áudio, com a voz trêmula:

Ah, cara, deve ter morrido mais de quinhentas pessoas. Eu só vi a avalanche comendo todo mundo aqui, cara. Ô vei, a barragem veio igual uma avalanche saiu comendo todo mundo, cara, saiu comendo todo mundo. Essa notícia vai sair no mundo todo: foi pior que de Mariana, foi bem pior que em Mariana. Saiu comendo todo mundo, saiu comendo o pessoal do Córrego do Feijão ali, ó! Eu nasci de novo, cara, se eu não tivesse pegado uma caminhonete eu tinha morrido. (Autor desconhecido, 2019)

Em ainda outro áudio, o narrador da fala faz um apelo aos amigos:

Ô turma do grupo, Mônica, vocês que estão na avenida, na parte baixa aí de Brumadinho, por-favor, saia todo mundo daí, saia todo mundo daí! A barragem aqui na Vale, Córrego do Feijão, ela estourou! Que bagunça! Gente nós perdemos muitos amigos aqui. Sai da parte de baixo aí, todo mundo, por-favor. (Autor desconhecido, 2019)

A barragem que rompeu na Mina Córrego do Feijão era considerada de baixo risco, mas de dano potencial alto, segundo o Cadastro Nacional de Barragens da Agência Nacional de Mineração. Além do mar de lama com rejeitos que destruiu o refeitório e a área administrativa da Vale, assim como casas e propriedades rurais ao redor da região, o rio Paraopeba, afluente do rio São Francisco, também foi atingido.

A Vale informou sobre o acidente à Secretaria do Estado de Meio-Ambiente às 13h37 e pouco depois, ainda na tarde do dia 25 de janeiro, equipes de televisão já sobrevoavam o local e apresentavam nova dimensão e cenas ao vivo da catástrofe. Com o passar das horas, multiplicavam-se também a especulação, as dúvidas, as teorias, as suposições, as (in)certezas, a indignação, a tristeza, e as preocupações com o que poderia acontecer com outras barragens em outras localidades, além da busca por explicações e pelas vítimas.

Compõem este quadro de articulações comunicativas na busca por informações, com suas diferentes temporalidades: as publicações de notícias de rádio e jornais, as interações geradas nas mídias digitais e alimentadas pela comoção pública, a circulação de inúmeros áudios, fotos e vídeos, a atuação de movimentos sociais e políticos, as conversações privadas (Figura 01, p.08) e publicizadas, a passagem de boatos e toda a composição especulativa envolvida (Figura 02, p.09) – no domingo seguinte ao desastre, chegou a ser informado que havia risco de outra barragem se romper, a de número seis (6), mas horas depois a possibilidade foi descartada – além dos papéis e documentos, das declarações e assinaturas, as decisões judiciais – agentes humanos e não humanos que atuaram e continuam a atuar em diferentes tempos e *modus operandi*, e que engendraram as complexas redes tecidas pelas interações consequentes do caso.

Esta interação social de que falamos é aqui entendida como ampla e reassociativa (LATOURET, 2012), uma vez que pode se dar pelas ações que não são sociais por natureza, mas que, em interação, chegam ao social – caso das conversações feitas a partir das mídias digitais, as imagens do Instagram, os links do Twitter e as ferramentas de mensagens instantâneas como o Whatsapp. Dentro deste universo partilhado e sentido, as mídias digitais têm influência enquanto ferramentas de proposição e alastramento dos assuntos que serão comentados nas agendas dos cidadãos, afetando as realidades e influenciando experiências.

Com o decorrer de poucos dias, o rompimento da barragem em Brumadinho se mostrou tão complexo quanto seu peso histórico. As conversações, que passaram a discutir pautas como indenização e culpados, também serviam como alimento da curiosidade e da busca por respostas para séries de perguntas do tipo “quem, o quê, quando, como, onde, por quê?” – uma busca para, em interação com outras pessoas, darmos sentido ao mundo em que vivemos, gerando um ambiente altamente potente para criação e a circulação de boatos que mexem com nossas emoções, entendimentos rápidos e equivocados, e tomadas de decisão em situações que são emergenciais e comoventes.

Aqui está uma questão temporal importantíssima para nosso problema. A conversação especulativa que busca encontrar sentidos para as emergências alimentará o surgimento oportunista dos boatos que, à sua maneira, nos atravessarão buscando nos enquadrar senão em lados, em versões de um acontecimento.

Tais mutações são parte das próprias características dos boatos: eles precisam estar ligados ao presente para circular, porque senão perderão seu valor em meio aos interesses dos públicos e pararão de circular. Mesmo que já tenha aparecido na história, a cada novo emergir

de um antigo boato este boato de barbas brancas deverá garantir sua novidade, segurando-se à atualidade daquele momento para validar sua sobrevivência tempo suficiente para causar uma reação coletiva ao seu conteúdo e seguir sendo disseminado.

Figura 01: Prints de conversa com tom especulativo de pessoas não identificadas

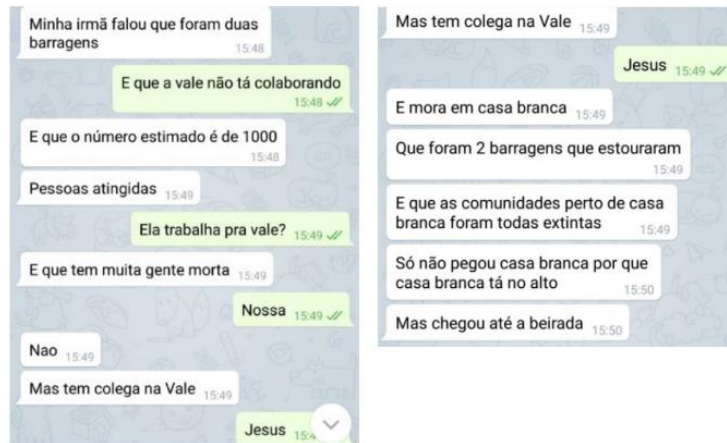


Figura 1: Prints de conversa de pessoas não identificadas e que circulavam por mensagens do aplicativo Whatsapp horas depois do rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão, no dia 25 de janeiro de 2019. **Fonte:** CRUZ, I.T.S, recorte nosso. 2020.

Isto é, os boatos mudam com o tempo, tanto quanto mudam seus conteúdos (Gráfico 01, p.10). Diante disso, “a evolução do conteúdo do boato não se explica pelas distorções da memória, mas pela evolução e acréscimo de comentários ao longo da formação do boato” (KAPFERER, 1993, p.10). Ao boato dos terroristas venezuelano e cubano que teriam explodido a barragem em Brumadinho seguiram-se versões do mesmo rumor, com menos ou mais detalhes do caso: ora eram comunistas, ora vestiam vermelho, ora portavam bombas, ora tinham seus nomes reconhecidos e haviam sido presos.

Além da atenção que depositamos no apego dos boatos à novidade, também as discussões sobre o poder de, coletivamente, construirmos estereótipos (LIPPMANN, 2002) diversos, preconceitos, e o peso do concretamente dito e do não dito influenciam o modo como os boatos circulam.

Estamos falando do poder de estreitarmos ou afastarmos afinidades, de aumentarmos ou diminuirmos nossa confiança no que ficamos sabendo. E, sobremaneira, do compartilhamento virtual de convicções, de curiosidades, e de interesses – “cuja coletividade é espiritual e cuja coesão é inteiramente mental” (TARDE, 2005, p.5). Não por menos, o caso da circulação do boato sobre o ataque terrorista do cubano junto ao venezuelano ainda no mesmo dia do rompimento da barragem indica como o caso nos situa socialmente e historicamente, em um contexto de enquadramentos distinguíveis.

Figura 02: Print de stories de pessoa não identificada com checagem de fatos



Figura 2: Print de stories feito para a rede social Instagram de pessoa não identificada e que dava conta da checagem de fatos de notícias e informações que circulavam após o rompimento. **Fonte:** CRUZ, I.T.S, recorte nosso. 2020.

Dessa forma, não estamos imunes ao risco de acreditar nos boatos, pois na medida em que seu poder de convencimento se associa ao que estamos ouvindo nas conversas diárias, poderemos potencialmente encontrá-los em nossas experiências e, coletivamente, buscar uma síntese de entendimento sobre aquele assunto. A dinâmica do boato vai depender, sobremaneira, dessa racionalização social que não pode ser confundida com ingenuidade ou estupidez, uma vez que ao serem introduzidos no corpo social, os rumores podem ser inicialmente divulgados exatamente como uma informação verídica e, desta mesma maneira, gerar riscos aos públicos; além de essencialmente confirmarem nossas próprias verdades, convicções e esperanças para o mundo, dificultando ainda mais sua desconstrução. Mas em que medida esses boatos pedem verificação vai depender essencialmente do processo especulativo dos rumores, que, defendemos, é reorganizado em conformações de urgência.

Gráfico 1: Interesse pelo assunto Brumadinho ao longo do tempo

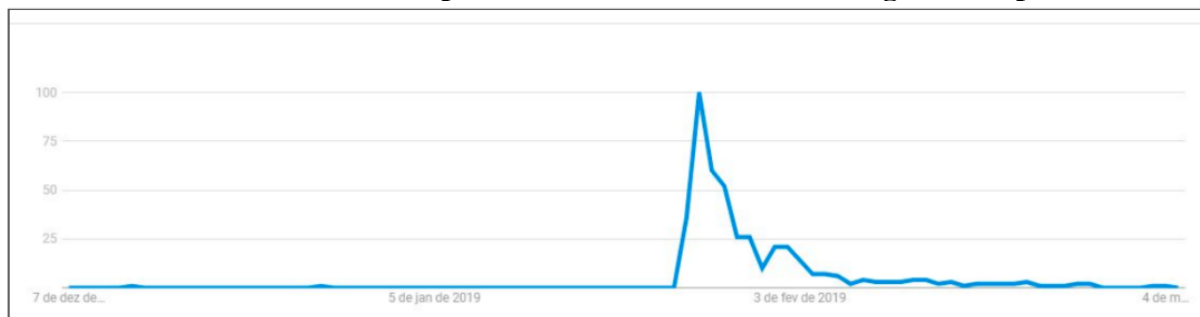


Gráfico 1: Interesse pelo assunto Brumadinho ao longo do tempo a partir das buscas e pesquisas feitas no Google. O período é de 90 dias, entre dezembro de 2018 e março de 2019. **Fonte:** CRUZ, I.T.S, Destaque nosso, com dados do Google Trends. 2020.

O caso de Brumadinho, que brevemente apresentamos, é, deste modo, representativo do modo como podemos observar e perceber os boatos em uma situação de grande impacto, fazendo com que este se torne um cenário inflamado e peculiar – visto que não é comum, em que os boatos se mostram também de maneira inflamada, rápida e singular.

A partir de estudos e interpretações das visões de Louis Quéré (1991), que entende o acontecimento como “uma emergência que instaura sentidos e rompe com a continuidade da experiência” e que “se inscreve em um contexto e ganha uma nova dimensão na medida em que é narrado e descrito através da comunicação” (SIMÕES, 2014, p.177), e pelo espectro da pesquisa social, este caso é, portanto, um caso exemplar de acontecimento comunicacional e pragmático. Construída no ano de 1976, a barragem que rompeu era a de número um (1) da Vale no local e era utilizada para disposição de rejeitos de minério. Em 2019, 43 anos depois, arrebentou-se em um mar de lamas e ondas de boatos.

3. Lamas de rejeitos, ondas de boatos

Para estudarmos a forma como os boatos, em momentos de grande comoção, nos deixam com as temporalidades alteradas (uma vez que é preciso agir e não pensar, ou apenas confirmar uma tendência de opinião e de comportamento que já possuímos) precisaremos enfrentar a empreitada a partir de uma perspectiva menos óbvia dos boatos (KAPFERER, 1993; DIFONZO, 2009; ALLPORT & POSTMAN, 1963), para além de sua forma mais corriqueira e ordinária (TARDE, 1901 [2005]), atentando-nos ao modo como são capazes de engendrar nossas decisões e nos fazer opinar, através de valores intersubjetivos de certo e errado, o que é verdade e mentira, quem tem ou não valor, qual é este valor, quem deve ou não viver, quem deve ou não ser responsabilizado e culpado por determinados atos.

Esta visão nos direciona para a seguinte leitura de mundo: na dinâmica da formação da opinião pública, prevalecerão a homeostase, o equilíbrio dos entendimentos que tendem a dar forma aos costumes; e a homofilia¹² de nossas relações.

Dentre outras características, a opinião pública se destaca por ser não apenas a “opinião do público”, como o nome às vezes sugere, mas também o conjunto de opiniões discutidas em público, e, portanto, colocadas para discussão com todos os outros interessados possíveis. Quando um tema é lançado na Esfera Pública ele tende a ganhar visibilidade, pode ser objeto de discussões e, eventualmente, levar à tomada de decisões. (MARTINO, 2014, p.91).

¹² Luciano Rossoni & Alexandre Graeml (2009) explicam em artigo que a homofilia é o princípio de que o contato entre pessoas com características similares ocorre em maior frequência do que entre pessoas com baixa similaridade (McPheerson, Smith-Lovin & Cook, 2001), podendo ocorrer em qualquer tipo de rede. Seus princípios, apesar de terem sido delineados por filósofos como Aristóteles e Platão, foram pioneiramente discutidos nas ciências sociais por Lazarsfeld e Merton (1954), e Simmel (1950). Os autores cunharam a expressão que define o fenômeno: “birds of a feather flock together”, que seria, em tradução livre: “pássaros da mesma espécie se aglomeram”.

Isso implica ver o processo especulativo como um processo de auto-regulação, de organização dos entendimentos comuns. Portanto, é o confronto – na conversação, na interação – de experiências e conhecimentos acumulados dos indivíduos que indicará um boato na dinâmica de formação da opinião pública. Em vista disso, não faz parte da definição de boato nem a afirmação primária de sua veracidade, nem a de sua falseabilidade. No primeiro momento, antes de estabelecermos com menos especulação o que é a verdade, esta ambiguidade da informação caminha com ele. No momento seguinte, oportunamente, pode seguir como boato e, depois, como mentira ou não.

Levando em consideração o aspecto pragmático da construção de experiências e das consequências de determinada ação no futuro (PROGREBINSCHI, 2005, p.25), o compartilhamento desse tipo de informação, posteriormente comprovada inverídica em um momento de grande inflamação pública, liga-se à disputa de narrativas e ao fornecimento de ferramentas para construção de realidades. Mas, mais importante, temos no próprio boato, na sua existência, a já configuração de sua própria práxis: a sua existência e percepção garantem o movimento de ação social de seu fenômeno.

Em cada momento, assim, estaremos falando também de uma diversidade de outros fatos que podem incidir sobre o contexto para alimentar a especulação. Ou seja, de um conjunto de outros aspectos que auxiliarão na criação e sustentação da narrativa do desastre do rompimento da barragem em Brumadinho.

Tais dinâmicas de opinião pública são qualificadas mediante a presença incisiva das subjetividades em processos comunicativos cada vez mais velozes e propositalmente velados para a maioria dos seres humanos. Em tal caixa-preta, as relações intersubjetivas se dão em contextos de polarizações de subjetividades, em oceanos invisíveis de ligações arquitetadas por estudos de comportamento de públicos, perfis-robôs, neurociência, programas de computador, frágeis certezas e conversações, muitas conversações rumorosas.

O praxiológico dos boatos se constrói pelo aspecto conversacional das interações que nos atravessam durante as dinâmicas de formação da opinião pública, fazendo com que os boatos decorrentes do rompimento da barragem em Brumadinho não sejam ruínas a priori, mas se tornem dependentes, por isso, da memória, da credibilidade e do interesse para estabelecer as relações de sentido que melhor convêm aos sujeitos.

Precisamos de outras pessoas que nos ajudem a transformar uma afirmação em fato. O primeiro modo, o mais fácil, de encontrar pessoas que acreditem imediatamente na afirmação, que invistam no projeto ou que comprem o protótipo é adaptar o objeto de tal maneira que ele

atenda aos interesses explícitos dessas pessoas. Como indica a expressão latina "inter-esse", "interesse" é aquilo que está entre os atores e seus objetivos, criando assim uma tensão que fará os atores selecionarem apenas aquilo que, em sua opinião, os ajude a alcançar esses objetivos entre as muitas possibilidades existentes. (LATOURET, 2000, pp.178,179)

Vivos, atuando e interagindo, nos posicionamos no presente devido ao que sabemos e já vivemos do mundo, e também a partir das expectativas de futuro que o presente pode nos gerar. Não há exatamente como determinar essas motivações de origem, porque as motivações vão se sobrepondo e se misturando conforme a informação circula, sendo dependente da subjetividade dos indivíduos que interagem naquela situação. Tal formação simbólica é fragmentada e os boatos se utilizam tanto do cotidiano quanto dos estereótipos e de nossas experiências para estabelecer valor enquanto busca sobrevivida nas agendas de debate público.

Dessa forma, os rumores nos atravessam diariamente, exemplificando o que Gabriel Tarde nos explica quando diz de uma criação coletiva que se utiliza dos nossos vínculos e afinidades (TARDE, 2005, p.20) para fortalecer similitudes, sínteses, simpatias, e fortalecer uma “comunhão de ideias sugeridas e a consciência dessa comunhão” (idem). É o enquadramento de nossos interesses.

Discutir e interpretar a temporalidade e a cognição de mundo consequentes dos boatos nos trará pistas e rastros para uma narrativa de reconstrução deste fenômeno comunicacional em diferentes níveis de entendimento dentro da opinião pública e que implica os sujeitos em riscos. Mas não aqueles riscos voltados para as instituições, ou ao uso político das informações, e sim os que envolvem a esfera de mobilização pública e que incidem sobre os sujeitos menos ou mais anônimos. Quais seriam alguns dos rastros e indicadores do atravessamento dos boatos nos contextos de grave comoção pública a partir da estereotipia dos envolvidos na suposta explosão da mina em Brumadinho? Pelo rosto, pelo corpo, pela cor, pela estética, pela simbologia das origens que instantaneamente alçam indivíduos a uma cristalização de sua representação: terroristas, cubanos, venezuelanos, vestidos de vermelho?

Fixadores de estereótipos, preconceitos e estigmas, os próprios boatos são também frutos dos mesmos estigmas, estereótipos e preconceitos. É mister e urgente entender, assim, que o boato não é um acontecimento mágico, mas “um objeto, um resultado, uma produção mental: os membros de um grupo ‘rumorejam’ num certo momento, em certo lugar e engendram um conteúdo, uma narrativa, uma hipótese” (KAPFERER, 1993, p.105). O caso da barragem em Brumadinho é exemplar para a busca de um entendimento mais maduro sobre a interferência dos rumores na percepção de uma lógica (dos boatos) que é complexa e

impalpável para além de seus rastros. Hoje, sabemos que boatos podem não apenas não ser notados, como podem, pelo entendimento da afetação dos públicos, transformar-se a cada momento e circular numa diversidade de canais, gerando riscos e cristalizando estereótipos.

O desafio é, deste modo, aproximar esses entendimentos acerca da importância das interações e da interpretação subjetiva – ainda que culturalmente coletiva, com a circulação dos rumores, que são fenômenos intrinsecamente comunicacionais e dependentes dos públicos, e, portanto, também moldados por suas intrínsecas características interacionais e interpretativas das relações e das informações que circulam no mundo.

Referências

ALLPORT, G. W.; POSTMAN, L. J. **Psychology of Rumor** (New York, Henry Holt and Company, 1947); ML DeFleur, "Mass communication and the study of rumors". *Sociological Inquiry*, p. 51-70, 1963.

BURKE, Peter. **Boato Forte**. Folha de S.Paulo. 2004. Tradução de Clara Allain. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2811200404.htm>. Acesso em: 02 ago. 2020.

DEWEY, John. **Tendo uma experiência**. In: LEME, Murilo O.R.P. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

DIFONZO, N. **O poder dos boatos: como os rumores se espalham, ditam comportamentos, podem ser administrados e por que acreditamos neles**. Rio de Janeiro. Ed.Campus. 2009

FRANÇA, V. **A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista**. In: FRANÇA, V.R.V; OLIVEIRA, Luciana (Org.). *Acontecimento: Reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica. 2012.

HENRIQUES, M.S., e SILVA, Daniel R, **Vulnerabilidade dos públicos frente a práticas abusivas de comunicação empregadas por organizações: limitações para o monitoramento civil**. *Comunicação e Sociedade*, vol. 26, 2014, pp. 162 – 176, DOI: 10.17231/com.soc.26(2014).2031

HENRIQUES, M.S., e SILVA, Daniel R. **Meras coincidências: as estratégias e as tramas do acontecimento fabricado**. 2012

KAPFERER, Jean-Noel. **Boatos, o mais antigo mídia do mundo**. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 1993. Tradução: MAYA, Ivone M.C.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação: Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. Tradução: Ivone C. Benedetti. Revisão de tradução: Jesus Paula Assis. – São Paulo. Editora UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc. 2012.

LIPPMANN, Walter. **The Phantom Public: A Sequel to" Public Opinion**. Macmillan, [1927] 2002.

MARTINO, Luis S.M. **Teoria das mídias digitais - Linguagens, ambientes e redes**. Editora Vozes Ltda. 2014.

POGREBINSCHI, Thamy. **Pragmatismo : teoria social e política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

QUÉRÉ, Louis. **De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico**. Tradução de Vera Lúcia Westin e Lúcia Lamounier. Original: D'un modèle épistémologique de la communication à un modèle praxéologique. In: Réseaux, n. 46/47. Paris: Tekhné, mar/abril 1991.

SIMÕES, P. G. **O acontecimento e o campo da comunicação**. In: FRANÇA, Vera; ALDÉ, Alessandra; RAMOS, Murilo C. (Org.). Teorias da Comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas. 1ed. Salvador: EDUFBA, 2014, v.1 , p. 173-195.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. Martins fontes, 2005.